

O HOMEM QUE EMBARCOU NO ÔNIBUS DAS DEZ NO DIA EM QUE O REAL ENTROU EM CIRCULAÇÃO

Por Andreza Silva

Era o primeiro dia de julho de mil novecentos e noventa e quatro. Um dia sem muitas novidades. Exceto, é claro, o fato de que uma nova unidade monetária havia entrado em circulação no país: o real. O relógio marcava nove horas da noite e quinze minutos. Pierre já se preparava para dormir, costumava deitar cedo. O ritual era sempre o mesmo. Banho. Seu pijama preto de tecido fino: uma calça e uma camisa de dez botões. A leitura do capítulo de um livro – que, nos últimos dias, era O misterioso Sr. Quin da Agatha Christie – enquanto tomava chá. E a luz da luminária, que se apagava.

Nesse dia, ele sonhou. Estava próximo a uma lagoa. Depois de jogar seixos na água, fazendo-os quicar, sentou-se em uma pedra. Atrás dele, havia uma árvore, por onde olhos o espreitavam, sem ele saber. De trás dessa árvore saiu um menino e sentou-se ao seu lado. Ele tinha, em média, dez anos. Estava vestido de preto. E tinha os olhos fechados. Seu cabelo, castanho e liso, caía sobre o rosto muito fino. Disse:

– A cor irá te matar!

– A cor? Que cor? – perguntou Pierre confuso.

– A mais ativa – falou o menino, levantando-se e indo em direção à água, caminhando sobre ela, como se estivesse pisando no chão.

Ele levantou e seguiu o garoto, mas ouviu um barulho atrás de si e virou para saber o que era. A árvore não estava mais ali. Em seu lugar, havia um túnel vermelho. Ele entrou. Depois de dar dez passos, encontrou um velho, que batia com uma pena em um balde emborcado. O barulho parecia o de um coração batendo. O velho disse:

– A brigada começará em instantes, você precisa estar preparado.

– Estou em uma guerra? – perguntou Pierre.

– Eles passarão por este túnel, em instantes. Se você permanecer aqui, será atropelado – disse o velho, ainda batendo no balde.

Ele retornou pelo túnel e saiu em uma estreita alameda, muito encantadora, com altas sebes. Depois de dobrar uma esquina, encontrou um homem alto e magro, de pele morena, vestido em um traje colorido, todo costurado em losangos. Começaram a caminhar juntos.

– Onde será que termina esta alameda? – perguntou Pierre, ao homem desconhecido.

– Termina aqui – disse ele.

O fim da alameda dava em um terreno baldio. No chão, havia uma grande cova, onde estavam jogados pedaços de jornais, caixas vazias de tinta vermelha, porta-retratos velhos e centenas de bugigangas, que não serviam para ninguém.

– Um monte de lixo – disse, indignado.

– Algumas vezes, há coisas maravilhosas num monte de lixo – respondeu o homem, agachando-se e pegando um coração entre os objetos jogados.

– Coma! – disse o homem, entregando-lhe o coração.

– Por quê? – perguntou Pierre, espantado.

– Para você não morrer – respondeu o outro.

– Mas se eu comer o coração, assim é que morrerei – disse Pierre, já se incomodando com o tom do diálogo.

– Por que você acha que ele estava no lixo? – perguntou o homem, enigmático.

– Eu não comerei o que não presta – disse Pierre, muito cheio de si.

– Pois você morrerá – disse o homem, sem demora. Entregou a ele uma chave e disse: – Vá procurar sua família – e olhou para trás.

Pierre acompanhou seu olhar, não encontrando nada. Quando se voltou para o homem, este não estava mais lá. Agora, diante de si, não havia mais nenhum lixo. Em seu lugar, estava um barco parado, com um homem pálido sentado na ponta. Ele subiu e o homem abriu a boca. Ele entendeu: colocou a chave dentro dela. O homem o levou, então, para um jardim, onde Pierre encontrou sua família. Ao descer do barco, pensou consigo mesmo: “Parece que estou em um sonho”.

Lá estavam sua esposa e seus dois filhos. Aproximou-se deles e abraçou a esposa, dizendo:

– Estou com medo!

– De quê? – perguntou ela.

– Não sei – respondeu ele, apertando-a.

A filha, então, se aproximou e lhe mostrou seu neto, colocando-o em seus braços. Não sabia que o bebê já tinha nascido. Ao olhá-lo, percebeu que seus olhos estavam costurados. Com medo, o entregou de volta à filha. Nesse instante, a esposa o chamou gentilmente para a mesa. Eles se sentaram. Comeram. E conversaram. Até que sua esposa disse, piscando os olhos, ao invés de abrir a boca:

– Você precisa ir! O ônibus das dez está perto de passar.

Ele se levantou e caminhou com a família em direção ao ponto de ônibus. Lá, na parede do ponto, viu um cartaz colorido com o nome ‘ashmead’, em letras garrafais. Quando ia perguntar o que aquilo significava, o ônibus chegou e ele subiu, rapidamente; não antes de dar um abraço nos filhos e na esposa.

Quando entrou, o cobrador pediu o dinheiro da passagem, ao que ele perguntou:

– Quantos cruzeiros?

– Nenhum. Só recebo real – respondeu apático, o cobrador.

– Mas eu não tenho real – retrucou Pierre.

– Você é real – disse, então, o cobrador, mal-humorado.

Ele estava agora sentado, olhando para a janela, sem nada enxergar. O ônibus tremia

muito. Parecia que havia uma multidão enorme embaixo dele o golpeando com martelo. Isso, entretanto, não o incomodava. Estava muito tranquilo. Pensava nas risadas que acabara de dar com a família na mesa, ao conversar sobre as traquinagens dos filhos, quando eram crianças. Tentou lembrar se pagou o cobrador, mas não conseguiu e também não arriscou perguntar. Se estava ali, é por que, decerto, tinha acertado suas contas com ele. Pensou consigo mesmo: “Parece que faz uma eternidade que estou aqui”. Encostou a cabeça na janela e tentou dormir, mesmo em meio àquele barulho, mas foi interpelado pelo grito do cobrador estressado, dizendo:

– Se você dormir, vai acordar e não vai mais acordar! Espere o ponto final!

– Estou cansado – disse, então, Pierre – quero dormir. Quando o ponto final... – antes de terminar a pergunta, o cobrador disse rudemente: – Pronto, chegou. Pode descer.

Ele desceu em frente a uma porta. Abriu-a e entrou em um quarto, que logo percebeu ser o seu. Deitou-se na cama e fechou os olhos.

– Como é o nome da doença mesmo, que o doutor disse? – perguntou Pedro, olhando para a mãe.

– Síndrome de Brugada – respondeu ela, com os olhos lacrimosos.

– E é assim, você morre dormindo, do nada? – perguntou ele, voltando seu rosto para frente, fixando um ponto vazio.

– É, Pedro. Melhor que sofrer meses numa cama, sabendo que vai morrer – respondeu ela, tentando se conformar com a ideia.

– Deve ser ruim, – disse ele – é melhor saber. Dá para se despedir, sentir medo. Medo é bom nesses momentos. Eu mesmo quero ver a morte chegar. É uma covardia matar alguém e não lhe dar direito à defesa, mesmo que psicológica – e depois de pensar, por um tempo, disse: – Morrer na ignorância é pior que viver nela.

– É tudo uma coisa só – disse a esposa de Pierre, tentando acabar logo a conversa.

O relógio marcava, então, nove horas da manhã e quinze minutos. Preparavam Pierre para colocá-lo no caixão. Lavaram seu corpo. Vestiram sua roupa: uma calça e uma camisa social de dez botões; ambas na cor branca. Colocaram as flores. Depois, ela pegou um livro de orações, porque insistia em ser católica, e leu em voz alta alguns trechos, preparados para essas ocasiões. Enquanto isso, Pedro tomava chá, sentado cabisbaixo em uma cadeira; e sua irmã, Paula, que estava grávida, acendia as velas.

1